



Evento	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2018
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	DA GALINHA AO FRANGO, DO PORCO AO SUÍNO, DO PEIXE AO...? UMA ANÁLISE HISTÓRICO-COMPARATIVA DE TRÊS SETORES DO AGRONEGÓCIO
Autor	ANDRÉ BRISTOT
Orientador	PAULO ANTONIO ZAWISLAK

DA GALINHA AO FRANGO, DO PORCO AO SUÍNO, DO PEIXE AO...? UMA ANÁLISE HISTÓRICO-COMPARATIVA DE TRÊS SETORES DO AGRONEGÓCIO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Autor: André Bristot

Orientador: Paulo Antônio Zawislak

O Brasil está entre os principais países em produção de proteína animal. Cabe destacar as carnes de bovinos, cuja participação na produção mundial representa 15,5%, sendo o 2º maior produtor; de aves, com uma participação de 14,5%, em 2º lugar no ranking; e de suínos, com uma participação de 3,4%, estando na 4ª colocação entre os maiores produtores. A produção de peixes marinhos, por sua vez, possui baixa expressividade no Brasil, sendo sua participação na produção mundial de 0,56%, apesar de ser comprovadamente a fonte de proteína animal de mais alta qualidade, com baixo teor de gordura e rica em nutrientes. No campo do consumo a situação é praticamente igual. Em 2009, o consumo de carne bovina, de aves e suína representavam 36%, 33% e 6%, respectivamente, do total de carnes consumida no Brasil, enquanto o consumo de carne de peixe representava apenas 5%. Qual o motivo para o setor pesqueiro ter baixa representatividade no mercado brasileiro? Estudos demonstram que em determinados setores os avanços de produtividade decorrentes de incrementos tecnológicos não são suficientes para determinação de uma trajetória de sucesso. A avicultura, por exemplo, a partir da década de 30, passou por importantes avanços técnicos, mas, mesmo assim, o setor só passou a se expandir a partir da década de 60, quando houve a sensibilização do consumidor e avanços nas questões legais e sanitárias, transformando o produto antes visto como “carne de galinha” em “carne de frango”, ou seja, com valor agregado. Assim como a suinocultura que também obteve melhorias na produção a partir das décadas de 50 e 60, principalmente nas formas de criação e genética, mas que não foi capaz de quebrar o paradigma da carne suína vista como gordurosa e possível transmissora de doenças. Tal paradigma só iria ser quebrado na década de 90, quando a estabilização do plano real e campanhas ao consumidor corroboraram para o aumento do consumo, tornando “o porco” em “suíno”. Como fazer então para que o “peixe” se transforme em “pescado”? A cadeia de peixes possui grande potencial para ter a mesma trajetória de sucesso de outras cadeias – o Brasil possui vasta extensão litorânea e é detentor de 13% das reservas de água doce no mundo. Além disso, o consumo de pescados no Brasil tem aumentado nos últimos anos (72,9% no período entre 2003 e 2011) devido à melhora do poder aquisitivo da população, à popularização da culinária japonesa, à procura por uma alimentação saudável e a ao desenvolvimento da aquicultura. Porém, ainda está longe da média mundial de 20 kg por habitante e muito atrás do consumo médio de países desenvolvidos como Portugal e Japão, onde cada habitante consome entre 50 kg e 60 kg por ano. Em relação ao marco regulatório, apesar da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca - SUDEPE ter emitido diversas Portarias entre as décadas de 60 e 80, poucas foram relevantes ao gerenciamento pesqueiro. Diante desse quadro, questiona-se: por que a produção de carne de peixe permanece estagnada no Brasil, enquanto a carne de frango e suínos conseguiram alcançar uma trajetória de crescimento? Para tornar o setor competitivo é preciso tornar a cadeia mais tecnológica, estruturada e com padrões de coordenação e governança superiores. Assim, objetiva-se realizar um estudo histórico-comparativo das cadeias de peixes, frangos e suínos que demonstre suas trajetórias de evolução, pressupondo que as duas últimas possam servir de exemplo à cadeia de peixes. Para atingir esse objetivo serão coletados dados secundários como séries históricas da produção e do consumo, bem como pesquisa documental por meio de notícias e relatórios relacionados aos marcos regulatórios e às melhorias técnico-produtivas.